

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

A GLOBALIZAÇÃO E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA SOCIEDADE

Elaine Regina Costa Tonet¹
Aécio Rodrigues de Melo²

Resumo

Este artigo discute a relação do ensino de geografia com a mídia diante da globalização, mediante a necessidade de estabelecer a ligação entre ambos, para assessorar o aprendizado e a formação do conhecimento do aluno frente a gana de informações que ele recebe no mundo das comunicações, onde elas representam um papel importante na formação de opiniões. Possibilita um maior entendimento entre os fatos geográficos e a mídia, passíveis de serem trabalhados em sala de aula com a proposta de uma metodologia por sequência didática. Tem o objetivo de analisar os efeitos da globalização e o papel da mídia sobre a sociedade, identificando qual o sentido e o significado existentes no discurso midiático, além de contribuir para a formação crítica do aluno enquanto indivíduo, enquanto cidadão.

Palavras-chave: Geografia. Globalização. Mídia. Manipulação.

¹ Professora da Rede Estadual de Educação, Estado do Paraná. Graduada em Geografia Plena e Pós Graduada em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio. Professor PDE 2014/2015 – SEED/PR. E-mail: elainecostatonet@seed.pr.gov.br

² Mestre em Geografia e Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. Campus de Cornélio Procópio-PR.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a mídia se faz cada vez mais presente em nosso cotidiano, tornando-se um verdadeiro instrumento de manipulação social e dominação cultural. As informações recebidas pelas mais diferentes mídias, principalmente pela televisão, exercem forte influência nos hábitos e costumes da população com grande poder de manipulação, ditando regras de conduta e de consumo, constituindo-se num importante veículo de transmissão de informação e de formação de opinião, pois sabe-se que o seu grande papel não é apenas noticiar um novo produto, mas fazê-lo uma nova necessidade. Para Martinez (1999), “A função dos meios é influenciar os receptores, e essa influência pode ser maior se o receptor não dispuser da totalidade das ferramentas para sua análise”. (MARTINEZ, 1999, p.80).

Silva (2015) afirma que a mídia defende “os interesses de uma classe hegemônica dominante que por sua vez, defende os interesses do capital, já que este controla os meios de comunicação, intervindo de forma contundente na veiculação da notícia, deixando claro seu caráter mercadológico”.

Sendo assim, o discurso midiático, é totalmente ideológico, e não pode ser entendido como mero discurso, pois, vai além de pronunciamentos políticos, “é preciso saber ler nas entrelinhas para identificar o que está implícito e explícito no discurso midiático”.

Diante disso, o papel da escola é posicionar-se ativamente ao fato de que o discurso midiático é de cunho ideológico, e tem sua intencionalidade atendendo sempre aos interesses das classes sociais dominantes, o que para tanto cabe a ela ensinar os alunos a decodificar os discursos veiculados pela mídia.

Para Sousa Neto (2008), a interpretação da notícia deve ocorrer da forma como ela é, e não apenas de como ela está sendo apresentado, pois “o ideal é que se faça uma análise do processo de comunicação, do comunicador até o receptor, para que sejam compreendidas as circunstâncias da divulgação e sua repercussão”, pressupondo assim, um cuidado especial do receptor ao analisar o que está sendo veiculado pela mídia, para que este não tenha uma visão ingênua e simplista dos fatos apresentados pela notícia. É preciso construir uma ressignificação do texto midiático, transformando o senso comum utilizado pela mídia em interrogações para os alunos, cabendo à escola ensinar a ler (decodificar)

as formas simbólicas que circulam na mídia, sendo esse o espaço da ressignificação do discurso veiculado na mídia, uma tarefa que professores e alunos devem ter em comum.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partimos do princípio de que é possível pensar que o ensino e a aprendizagem da geografia é parte integrante do contexto escolar, pois de acordo Kaercher (1999), juntamente com outras disciplinas escolares, a geografia pode ser um instrumento valioso para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, quebrando a tendência secular da escola como algo tedioso e desligado do cotidiano.

A geografia é uma disciplina que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e a sociedade, que o produz e reproduz constantemente. Desse modo, analisar a globalização, seus efeitos na sociedade e a atuação da mídia, servirá a esta disciplina para estudar e compreender o espaço geográfico no atual período histórico.

O ensino de geografia no Brasil se faz presente desde a antiguidade, mas foi a partir dos séculos XVIII e XIX que houve seu aceleração devido à expansão do capitalismo. Nas duas últimas décadas do século XX, a influência de novas correntes geográficas foram questionadas, dando lugar às novas abordagens, e assumindo o seu caráter científico.

Com o advento da globalização generalizou-se, no senso comum, a percepção de que está havendo um encurtamento das distâncias e um encolhimento do espaço e do tempo, tornando o mundo cada vez menor. Cada vez mais e com maior rapidez recebemos em nossas casas um grande número de informações, que em grande parte, são objetos de estudo da geografia, tais como: meio ambiente, economia, focos de tensão, população, entre outros, e a velocidade dessas informações é um dos maiores reflexos dos benefícios advindos do avanço da tecnologia.

No chamado pós-guerra, surgiram diferentes movimentos, entre os quais estava aquele denominado pelos norte-americanos, de geografia radical, que para os brasileiros é conhecido como geografia crítica.

Para Moraes (1999), a geografia crítica se manifestou diante da

oposição de uma realidade “social e espacial contraditória e injusta”, onde fez com que o conhecimento geográfico se tornasse “uma arma de combate à situação existente”. Para este autor:

[...] o caminho da geografia crítica é a busca da superação das desigualdades, pois a história do capitalismo leva à seletividade, estabelece uma divisão territorial e social do trabalho, diferencia e privilegia lugares. Para os “geógrafos críticos” é tal processo que deve ser objeto de preocupação na leitura do mundo, feita pela geografia. (MORAES, 1999, p.126).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná traz o entendimento de que o ensino da geografia deve “assumir o quadro conceitual das abordagens críticas”, propondo “a análise dos conflitos e contradições sociais, econômicas, culturais e políticas, constitutivas de um determinado espaço”, formando assim, um aluno consciente das relações socio-espaciais de seu tempo. (DCE - Geografia, 2008, p.53).

Para Martins e Machado (2005), os conceitos básicos estudados em geografia, como espaço, lugar, território, natureza, paisagem, sociedade e região, devem, sempre que possível, associar-se à percepção do cotidiano do aluno. Devem tornar-se pontos de referência para o desencadeamento do processo de assimilação de todo o conteúdo geográfico que se busca transmitir. Contudo, com as transformações ocorridas no mundo, ou seja, as novas tecnologias da informação, chegaram em ritmo acelerado, cabendo à escola uma nova forma de ensinar.

Santos (2000, p.23), afirma que “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. E um dos aspectos centrais da globalização, é a aceleração dos fluxos de informações que provocou inúmeras mudanças na vivência das pessoas e empresas.

Carvalho (1998), em seu livro “Fim de Século: a Escola e a Geografia”, relata a “capacidade de influência da mídia como um todo, e a relutância de muitos em adotá-la como um dos parâmetros para possibilitar a assimilação de conhecimentos”. (CARVALHO, 1998, p.57).

Neste sentido, não há como a escola relutar com a influência da mídia, visto que sua complexidade situa-se como produto desenvolvido desde os anos 60, no contexto da ordem industrial. De acordo com Dorigoni e Silva (2015), foi nesta época que “a concentração econômica e administrativa aliada ao desenvolvimento tecnológico estabelecia semelhança estrutural ao cinema, rádio e

revistas”. Assim, seu uso espalhou-se pelo mundo e tornou-se sinônimo de um conjunto de processos e serviços desenvolvidos pelos modernos meios de comunicação.

Neste sentido, a influência da mídia tem mudado a forma de pensar o ensino da geografia, antes relacionando-o, ao que é dito por Carvalho (1998, p.25), afirmando que “o ensino de geografia sempre foi baseado na memorização de nomes, quer de rios, de montanhas, de cidades ou de qualquer outro aspecto do espaço”, podemos estabelecer como condição imprescindível ao ensino de geografia a inserção do aluno no conteúdo que se busca ensinar.

A mídia assumiu o papel de mediadora do conhecimento, já que está cada vez mais inserida no dia a dia das pessoas, desempenhando uma grande influência na sociedade, transmitindo comportamentos, moda e atitudes. As mensagens da mídia respondem à sensibilidade dos jovens, são dinâmicas e dirigem-se antes à emoção do que à razão.

A mídia, enquanto recurso metodológico no ensino de geografia permite desenvolver o pensamento crítico do aluno para os desafios do mundo moderno entre sociedade e estruturas políticas e econômicas. Na linguagem midiática, a força da imagem torna-se muito forte e o ensino de geografia não pode sucumbir à lógica das explicações unilaterais promovidas pela mídia.

Para aplicação dessa forma de ensino/aprendizagem abordando a mídia, é necessário evitar o deslumbramento, assumir a criticidade, abandonar práticas meramente instrumentais, excluir a visão apocalíptica que favorece o conformismo e não a reflexão. (DORIGONI; SILVA, 2015).

Pois diante desta realidade, se torna relevante afirmar que, a mídia televisiva, desempenha um papel importante na vida dos alunos, pois influencia o modo de vestir, falar, pensar, além de comportamentos e valores (ser e agir).

Ainda, para afirmar essa ideia, Leão ressalta os PCNs para o Ensino Fundamental onde afirma que:

Pela imagem, a mídia traz à tona valores a serem incorporados e posturas a serem adotadas. Retrata, por meio da paisagem, as contradições em que vive, confundindo no imaginário aquela que é real e a que se deseja como ideal; toma para si a tarefa de impor e inculcar um modelo de mundo, de reproduzir o cotidiano por meio da imagem massificante repetida pelo bombardeamento publicitário, sobrepondo-se às percepções e interpretações subjetivas e/ou singular por outras padronizadas e pretensamente universais. (LEÃO, 2008, p. 39).

Com isso, não podemos negar que a mídia é o cerne da sociedade da informação na qual os alunos convivem. Eles estão diante de uma realidade em que presenciam a aceleração dos processos tecnológicos, especialmente do fluxo de informações. Porém, ressalta-se aqui que a abordagem discorrida, não se trata de negar os suportes midiáticos, pelo contrário, “enfoca entre outros contrapontos suas influências e necessidades de inserção no processo pedagógico”, pois, lidar com o choque da aceleração do fluxo de informação e, principalmente, dar-lhes uma significação, interpretação e a integração na visão mundo, são funções da geografia.

Para Belloni, é muito forte a relação entre mídia televisiva e cultura na influência da sociedade, pois

A televisão, ao pretender reproduzir o universo real em sua complexidade, constrói um simulacro do mundo em que o indivíduo acaba se encontrando, assumindo as imagens produzidas como se fossem sua vida real. E estas imagens penetram a realidade, transformando-a, dando-lhe forma. (BELLONI, 2001, p.57).

Mas, diante dessa realidade, é preciso que a escola se posicione e enfrente os desafios sobre esse assunto, e contribua no sentido de que nossos alunos, se tornem usuários criativos e críticos dessas ferramentas, “evitando que se tornem meros consumidores compulsivos de representações novas de velhos clichês”. (BELLONI, 2005, p.8 *apud* DORIGONI; SILVA, 2015).

É preciso que a escola mude a forma de ensinar e, no que diz respeito ao ensino na utilização de recursos midiáticos nas aulas, é a combinação e superposição de várias linguagens – imagens, falas, músicas, escritas – que facilitam a interação, uma vez que essas estimulam a emoção e conseqüentemente, o aprendizado sobre o conteúdo. Para Barbosa (1999), “É necessário que esses recursos sejam colocados sob suspeita, evitando seu *status* de verdade, e que os olhares e abordagens dados aos lugares e aos conteúdos geográficos sejam questionados pelo professor e pelos alunos”.

Outra forma a se contemplar no trabalho do ensino da geografia e na educação para as mídias é o que nos orientam as Diretrizes Curriculares de Geografia como:

Filmes, trechos de filmes, programas de reportagens e imagens em geral (fotografias, slides, charges, ilustrações) podem ser utilizados para problematização dos conteúdos da Geografia, desde que sejam explorados à luz de seus fundamentos teóricos-conceituais. [...] Deve-se evitar, por

exemplo, o uso de filmes e programas de televisão apenas como ilustração daquilo que o professor explicou ou que pretende explicar do conteúdo. (DCEs - Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná - Geografia, 2008, p.82).

Ressalta-se que esses materiais citados acima, servem para discussão em aula, contextualizar e deixar os conteúdos mais visíveis à classe. Pois numa sociedade em constantes mutações e que não dispõe de muito tempo, a imagem possibilita uma informação mais rápida, e essa característica faz com que o noticiário fique fragmentado e transmitido por um único ponto de vista. Um dos principais riscos que estão vinculados à influência da mídia no comportamento da sociedade é a manipulação da informação.

Destaca-se aqui, o trabalho com a sequência didática, que parte do pressuposto de que a globalização é um fenômeno caracterizado pela intensificação das relações econômicas, comerciais e culturais entre os países, onde as constantes inovações tecnológicas nas áreas de transportes e telecomunicações são capazes de diminuir as distâncias e transcender as fronteiras nacionais.

Podemos assim, afirmar que a ferramenta da “Internet” abre passagem para novas maneiras de adquirir informações e é fonte de ilimitados conhecimentos. Como recurso tecnológico, esta deve ser entendida como um dos meios alternativos para construir o conhecimento, visto que oportuniza ao indivíduo interligar-se com o mundo, sendo considerada uma ferramenta mediatizadora da edificação do conhecimento crítico e reflexivo, a “Internet” propicia uma relação dialógica de troca de saberes entre educador e alunos.

Conforme afirma Moran (1997), [...] a Internet é uma ferramenta fantástica para buscar caminhos novos, para abrir a escola para o mundo, para trazer inúmeras formas de contato com as pessoas. (MORAN, 1997, p.8). No entanto, há que se considerar um aspecto muito importante na utilização da “Internet”, os critérios para a avaliação de “websites” que contemplem o contexto, o design, a credibilidade, a interatividade, a publicação, a atualidade e outros.

Segundo as considerações de Moran (1997), “ensinar na e com a “Internet” atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto estrutural de mudança do processo de ensino-aprendizagem”. Caso contrário, esse recurso será uma tecnologia a mais, que reforçará as formas tradicionais de ensino, uma vez que sozinha, ela não modifica o processo de ensino-aprendizagem.

Na dinâmica do mundo em que vivemos, as redes sociais via

“Internet” já fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas, ocupando um lugar privilegiado na vivência dos alunos. Utilizá-las durante o processo de ensino-aprendizagem, mediando e facilitando a discussão dos conteúdos ligados à globalização e à mídia, auxiliará os alunos a se apropriar dos mais diversos pontos de vista e ideias, interagindo com seus colegas e outras pessoas. Conseqüentemente, esse recurso auxiliará no processo de formação do educando para o exercício de sua cidadania.

Para Martínez (1999), os meios de comunicação não são nem bons nem maus. Simplesmente são o que são, e é preciso formação para conviver com eles. (MARTÍNEZ, 1999, p. 87).

Entretanto, a partir da relação dialógica, considerando as ideias contidas, o discurso do aluno e o conhecimento geográfico do professor, é possível a ressignificação do texto midiático. Nessa interlocução professor-aluno, o conteúdo produzido pela mídia é investigado e a mensagem é ressignificada.

Cabe aos educandos analisar e discutir sobre todos os assuntos de interesse individual e coletivo, colocando em prática o seu senso crítico para julgar os fatos diferentes da ótica proposta pela mídia. A partir disso, esse educando constituirá uma sociedade diretamente ligada às decisões e contribuirá para uma melhor democratização do país.

Nesse contexto, o ensino de Geografia, quando qualificado e efetivo, é uma contribuição socioeducativa. Tal afirmativa está pautada na relação escola-mundo, na qual o educando precisa conhecer e analisar o mundo contemporâneo através da perspectiva geográfica local, a fim de compreender como a sociedade se organiza no tempo e quais as relações que estabelecem na transformação do espaço. (PITANO; NOAL, 2015).

Contudo, é necessário que o professor esteja preparado e seguro diante do material que será analisado, fazendo uma nova ressignificação do recurso, transformando o senso comum utilizado pela mídia em interrogações para seus alunos, para estes construírem suas respostas favorecendo a aprendizagem significativa, reflexiva e crítica.

Para Leão (2008), é “fundamental utilizar o referencial do conhecimento Geográfico para promover a interdiscursividade com a mídia. É importante desafiar as ideias contidas no texto mediático”, e que segundo este autor, essa possibilidade deverá ser instrumentalizados pelo conhecimento geográfico. Segundo o autor citado, “a interdiscursividade e as mediações feitas por professores

e alunos dentro da sala de aula abrem caminho para a construção de um novo espaço no qual a informação é ressignificada". (LEÃO, 2008, p.48).

Para Baccega (2001) *apud* Leão (2008) é importante o entendimento de que a:

(...) informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. Mas o conhecimento implica crítica.(...) é um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem como um dado, possibilitando que não sejamos meros reprodutores; inclui a capacidade de elaborações novas, permitindo reconhecer, trazer a superfície o que é virtual, o que, na sociedade está ainda mal desenhado, com contornos borrados. (BACCEGA, 2001, p. 8 *apud* LEÃO, 2008, p.42).

Conforme os PCNs do Ensino Fundamental (1999, p.106), não podemos abandonar os conteúdos fundamentais da geografia, como "nação, território, lugar, paisagem e até mesmo de espaço geográfico, bem como do estudo dos elementos físicos e biológicos que se encontram aí presentes". Isso não quer dizer que devemos abominar o uso do material produzido pela mídia e sim acreditar que o seu valor está condicionado à maneira como este será utilizado pelos professores. Portanto, é fundamental aprender a manejá-lo, aproveitando sua linguagem e ensinando com os meios e não a partir dos meios, pois o que baseamos é a confrontação das ideias ali contidas com o conhecimento que é próprio da Geografia e que se encontra ordenado em forma de conteúdos. De acordo com Belloni (2001), isso não significa uma volta ao ensino conteudista e desconectado da realidade dos alunos, mas acreditamos que, para interagir com o texto da mídia e ressignificá-lo, o aluno necessita desses conteúdos.

Para Freire (2002, p.27), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Neste sentido, a construção coletiva e o uso integrado das múltiplas linguagens geram conhecimentos socialmente relevantes e reconhecem alunos e professores como sujeitos ativos desta construção.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O presente relato iniciou-se no momento em que o Projeto de Intervenção Pedagógica, com o tema: Globalização e a Influência da Mídia na Sociedade, foi apresentado aos alunos no mês de março de 2015. Com a intenção de despertar o interesse pelo assunto e, ao mesmo tempo, identificar o conhecimento prévio dos alunos, foi utilizado um questionário de pesquisa, demonstrando que a maioria dos alunos acessa com frequência as páginas da “Internet”, das redes sociais, jogos e entretenimentos. Eles consideraram que a “Internet” é uma importante fonte de estudos, e que esta, deve ser complementada por outros tipos de recursos, como os livros, por exemplo.

Na sequência, durante a última quinzena de março, foi feita a leitura e análise do texto: A globalização e suas características, analisando imagens e charges relacionadas ao assunto no data show, objetivando que aos alunos assimilassem os conhecimentos teóricos relacionados à dinâmica da globalização. Os alunos perceberam que a globalização não é algo recente, mas que se refere a um longo processo histórico vivido pela humanidade. Compreenderam também, através das imagens, que não são os países os dominadores do mundo, e sim, as multinacionais e no mundo globalizado, as pessoas menos favorecidas são excluídas.

Dando continuidade, na primeira quinzena de abril, os alunos interpretaram as letras das músicas: Parabolicamará e Pela Internet, de Gilberto Gil, que retratam a revolução tecnológica e o progresso nos meios de comunicação. Porém, alguns tiveram dificuldades para entender os versos que misturavam o regionalismo da cultura nordestina. Os alunos realizaram atividades, interpretando os versos que se assemelham ao tempo atual.

Durante a segunda quinzena de abril, a partir da contextualização entre o tema desta sequência e a poesia escrita por Carlos Drummond de Andrade: Eu etiqueta, os alunos apresentaram melhor compreensão, visto que, fizeram uma análise crítica à sociedade de consumo atual, transformando as pessoas em portadoras apenas de marcas que identificam produtos ou empresas. Uma pesquisa individual, sobre uma marca de roupa, tênis ou produto de uso dos alunos, deixou de ser proposta, em virtude do atraso nos trabalhos de implementação. Na segunda quinzena de junho, foram retomadas as atividades com a exibição no data show, de

recortes dos documentários do geógrafo Milton Santos: Globalização, o mundo global visto do lado de cá e Por uma outra globalização, realizando pausas e esclarecendo pontos importantes. No entanto, houve um desinteresse da maioria dos alunos, explicado pela baixa qualidade do áudio durante as falas do geógrafo. Enquanto ocorria a exibição, os alunos faziam anotações no relatório do filme, assim compreenderam que o globalitarismo é a produção de modos de vida globais baseados no totalitarismo, e que, há sim, a possibilidade de uma outra globalização mais justa e solidária.

A atividade realizada na primeira quinzena de julho, foi a pesquisa em grupos sobre as mídias: televisão, rádio, jornal, revista e “Internet”, na qual os alunos destacaram as mais antigas, as mais utilizadas atualmente, as menos confiáveis, enfim, diversas outras características. Nessa atividade, alguns alunos se recusaram a participar, por não gostarem de exposições orais e simplesmente, por desinteresse. Posteriormente, foi realizada a análise do texto: O poder da mídia, exibido no data show e fotocopiado e utilizadas várias charges sobre a mídia em geral, questionando a atuação dos veículos de comunicação. A partir disso, os alunos compreenderam a importância da mídia na sociedade, tendo essa o poder de mobilizar pessoas para o bem ou para o mal.

Na segunda quinzena de julho, houve a exibição de recortes do filme: Muito além do cidadão Kane, proibido no Brasil desde 1993. Os alunos anotaram seu entendimento e responderam questões, percebendo que a Rede Globo de Televisão, possuía e possui até hoje, o monopólio televisivo no Brasil e que, seu poder de manipulação, é exercido através de novelas, minisséries, filmes e até desenhos animados, influenciando os telespectadores ao consumismo e a prática de modos de vida elitizados. Para complementar, na primeira semana do mês de agosto, os alunos assistiram um filme sobre a história real do jornalista Stephen Glass, que ganhou fama escrevendo para a revista “The New Republic”, onde 27 de suas 41 histórias publicadas foram parcialmente ou totalmente inventadas.

Durante a segunda quinzena de agosto, foram utilizados textos, com imagens e vídeos de diferentes recursos midiáticos, fotocopiados e digitalizados (sala do Paraná Digital), objetivando a leitura crítica dos noticiários transmitidos através de vários pontos de vista. No entanto, o uso dos computadores não foi bem sucedido por falta de acesso à rede de Internet no momento da aula. Também

houve outra dificuldade, o número de equipamentos funcionando eram apenas oito, não sendo suficiente para a turma que possui 33 alunos. O acesso aos links pré-selecionados não obteve o êxito esperado, sendo necessário utilizar textos impressos com o objetivo de compará-los quanto à veiculação da mesma notícia: a crise hídrica no Sudeste, destacando São Paulo no ano de 2014.

Após a análise dos textos, já na primeira quinzena de setembro, os alunos elaboraram textos individuais com a ressignificação da notícia, ou seja, um novo entendimento dos recursos midiáticos, considerando os vários pontos de vista e ideias contidas. Os textos foram lidos selecionados pela própria turma para compor o painel de exposição, assim durante a segunda quinzena do mês de setembro, houve a confecção do painel, com a participação dos alunos na escolha das imagens, charges, textos e atividades realizadas durante a implementação do Projeto de Intervenção, para apresentação dos resultados à comunidade escolar e finalizá-lo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se nos dias de hoje que é impossível desvincular o ensino da geografia em si com a interação da mídia, seja ela televisiva, internet, jornais, revistas, rádio, etc, presente no nosso cotidiano.

A mídia é considerada uma ferramenta eficaz como instrumento pedagógico na linguagem escrita, para a melhoria da qualidade de ensino e para a formação de alunos críticos e reflexivos, mesmo sabendo de sua intencionalidade, interesses e, compreendendo o poder ideológico e manipulador da mídia. Concordamos com Katuta, que “não podemos satanizar a cultura veiculada pela mídia, pois como todo produto simbólico pode auxiliar a reproduzir a sociedade atual como pode também ajudar a transformá-la.” (2009, p.45).

No entanto, o educador deve orientar os alunos quanto à legitimidade da notícia e cuidados na construção de informações e, assim conduzir os alunos a investigar, pesquisar e elaborar atividades que demonstrem criticidade, sobre a transformação do espaço geográfico pela globalização e atuação da mídia, a fim de que possam compreender tal processo e participar como agentes transformadores da sua realidade.

Contudo, as atividades desempenhadas na confecção deste trabalho, desde a escolha do tema, da metodologia, das pesquisas bibliográficas consultando diversos autores e fontes e culminando na aplicação das atividades em sala de aula, verificou-se que o objetivo destas atividades, contribuiu para a melhoria da qualidade do ensino de geografia, apresentando meios que auxiliaram o aluno a tornar-se capaz de interpretar/analisar o espaço geográfico resultado da interferência da globalização e das ações da mídia, um veículo de comunicação de massa que se constitui, atualmente, como uma das grandes influenciadoras na formação da opinião pública.

Assim, podemos afirmar que a utilização das mídias no ambiente educativo contribui para o aprimoramento da expressão dos alunos, desenvolvendo a reflexão, a visão crítica e uma melhor compreensão dos acontecimentos da sociedade, para sua atuação efetiva na realidade em que os mesmos estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN'S): História e Geografia. Vol. 5. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, A. Opções **Metodológicas em Análise de Discurso**: Instrumentos, Pressupostos e Implicações. Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 1998, 143-156.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA, João Carlos da **Mídia e Educação**: o uso das novas tecnologias no espaço escolar. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro de 2015. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KATUTA, Ângela Massumi. Ensino de Geografia: conceitos, linguagens e mídia impressa. In: _____, et al (orgs). **(Geo)grafando o território**: a mídia impressa no ensino da Geografia. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 31-40.

LEÃO, Vicente de Paula. LEÃO, Inêz Aparecida de Carvalho. **Ensino da geografia e mídia: linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

MARTINS, Leonardo Cahuê; MACHADO, Carlos Eduardo Carvalho Ribeiro. **A mídia e o ensino de geografia**: contribuições e interferências. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/28.pdf&gws_rd=cr&ei=uX55VrycAYiZwQT1wJe4Aw>. Acesso em 13 de set. 2015.

MARTINÉZ, Francisco Sánchez. **Os meios de comunicação**. Brasília: In: Ministério da Educação Medianamente! Televisão, cultura e educação, 1999.

MORAES, Dênis de (org). **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Ed. Letra Livre, 1999.

MORAN. José Manuel. **Como utilizar a internet na educação**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/internet.htm>>. Acesso em 21 maio 2014.

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. O ensino da Geografia a partir da compreensão do contexto local e suas relações com a totalidade. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 19, n.1, p. 67-78, jan./abr. 2015.

SANTAELLA, L. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná – Geografia**. Curitiba. 2008.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

SILVA, José Carlos Teixeira da. **Tecnologia: Conceitos e Dimensões**. In: XXII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO - ENGEPE. Anais... p.1-8. Curitiba. 2002. Disponível em <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2002_TR80_0357.pdf>. Acesso 30. out. 2015.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.